

Do inobjeto.

A nossa circunstancia era composta, ainda recentemente, de objetos. De casas e moveis, de maquinas e veiculos, de roupas e sapatos, de livros e quadros, de latas e garrafas. Havia, naquele tempo, gente em nosso torno, mas as ciencias "humanas" tinham objetivado tal gente. Ficou tao calculavel e manipulavel como qualquer outro objeto. A circunstancia toda era objetiva. Querer orientar-se em tal circunstancia era distinguir entre objetos. Por exemplo: entre os objetos da natureza e os da cultura. A roseira contra a parede da minha casa sera objeto natural, por crescer, e por ser assunto da botanica, essa ciencia da natureza? Ou sera objeto artificial, por ter sido plantada por jardineiro em obediencia a determinado modelo estetico? E minha casa sera objeto artificial, por ser a arquitetura uma "arte"? Ou sera ela objeto natural, por ser "natural" que homens facam casas, como passaros fazem ninhos? A distincao entre natureza e cultura e duvidosa. Igualmente duvidoso e nao importa que outro criterio para distinguirmos objetos. Por exemplo: distinguir entre objetos intransportaveis e transportaveis, "imoveis" e "moveis". Paiz parece ser objeto imovel, mas a Polonia foi transportada rumo ao Oeste. Camas parecem ser moveis, mas minha cama e mais estavel que a Polonia. Todo catalogo de objetos tera inexactidoes e lacunas. Nao e facil o conhecimento objetivo.

No entanto, sob retrospectiva, viver em circunstancia objetiva era viver vida confortavel. Havia, por certo, dificuldades "epistemologicas", mas sabia-se, mais ou menos, como levar a vida. Viver e caminhar rumo a morte. Em circunstancia objetiva tal caminhar esbarra contra objetos. Os objetos que barram caminho eram chamados "problemas". Viver era limpar o caminho, resolver problemas. De duas maneiras. Manipulando o problema para que fique docil, (a isto se chamava "producao de objetos"). Ou saltando por cima do problema, (a isto se chamava "progresso"). Havia problemas que nao permitiam nem serem manipulados, nem saltados. A isto se chamava "as ultimas coisas". Ao encontrar tais problemas insoluveis, tais ultimas coisas, a gente morria. Era isto viver: resolver problemas, (emancipar-se das condicoes), ate esbarrar contra essa ultima coisa que e a morte. Isto e confortavel: sabe-se a que se ater, a "dureza das coisas".

Infelizmente, tudo isto nao vale mais atualmente. Inobjetos estao penetrando a circunstancia, e estao empurrando os objetos rumo ao horizonte. "Informacoes" e o nome de tais inobjetos. O que acabo dizer parece besteira. Sempre havia informacoes no nosso mundo. E, conforme o termo "in-formacao", trata-se de "formacao em" objetos. Todo objeto contem informacao, seja livro ou quadro, seja lata ou garrafa. Para trazer a informacao a tona, basta decifrar o objeto. Nada de novo, portanto.

Como acontece sempre, tal objecao da senso comum, aparentemente razoavel, e falsa. As informacoes atuais que penetram a nossa circunstancia para desalojar os objetos sao de tipo novo. As imagens electronicas nas telas TV, os dados contidos em computadores, os microfilmes e hologramas, e todos estes programas e modelos, sao a tal ponto "moles", (software), que escapam entre os dedos. Sao "inconcebiveis" no significado literal do termo. E erro chama-los "objetos. Sao inobjetos.

Por certo: as novas informacoes se apoiam sobrs objetos, como o fazem as antigas: sobre valvulas catodicas, sobre chips, sobre raios. Mas quem quizer ori-

entar-se na nova circunstancia que esta surgindo, pode desprezar tal suporte. A prova disto e que o suporte, (a hardware), esta ficando sempre mais barata, e a informacao mesma, (a software), sempre mais cara. Os ultimos restos de objetividade que ainda aderem aos novos inobjetos, sao despreziveis. A circunstancia esta se tornando sempre mais mole, mais nebulosa, menos palpavel. E tal caracter espectral do corajoso mundo novo e o ponto de partida para todo e qualquer ensaio para orientarmo-nos nele.

Alias, estamos, todos, compenetrados disto. O nosso interesse vital vai se deslocando. Sao as informacoes, nao os objetos, que queremos. Nos paizes ditos "desenvolvidos" fazem-se grevos, nao para obter mais objetos, (mais um par de sapatos, mais uma cadeira), mas para obter mais informacao, (mais uma viagem de ferias, mais uma escola para os filhos). Os objetos vao retrocedendo do campo do interesse. Simultaneamente, vai se deslocando a atividade da sociedade. Os proletarios, estes fazedores de objetos, vao formando minoria, e os funcionarios e outros "empregados no setor terciario", estes fazedores de inobjetos, vao formando a maioria da sociedade. Em outros termos: a moral burguesa, (producao, propriedade e consumo de objetos), vai cedendo a outra.

Nao que os objetos estejam rareando. Pelo contrario, verdadeira mare alta de gadgets esta inundando a cena. Mas tal mare prova que os objetos estao se tornando despreziveis. Todas essas canetas, esses isqueiros, esses aparelhos de barbear, essas garrafas plasticas, distribuidos a preco vil para serem jogados fora, sao falsos objetos: nao e possivel ater-se a eles. E, na medida em que estamos aprendendo sempre melhor a programar automatoss a cuspirem tais gadgets, todos os objetos vao se transformar em gadgets, inclusive casas e quadros. Quem sabe, inclusive a gente? Todos os objetos, sem excecao, vao se tornando baratos, vao perdendo valor, e o valor vai se transferindo sobre as informacoes, esses inobjetos. "Transvaloracao de todos os valores".

Diga-se de passagem que isto e a essencia do novo imperialismo. Quem decide e impera e o detentor das informacoes, (dos programas de usinas atomicas e de armas atomicas, dos modelos das operacoes geneticas, dos aparelhos administrativos). Tais informacoes sao vendidas, a precos exorbitantes, e o resto da humanidade, mero detentor de objetos como o sao as materias primas, nao pode senao submeter-se. O que vale e a informacao, o resto e desprezivel.

Tal deslocamento dos objetos para o horizonte do interesse, e tal fixacao do interesse sobre os inobjetos, nao tem paralelo na historia da humanidade. Isto e sumamente incomodo: como, sem termos exemplos, imaginar como sera a vida de quem manipula informacoes, codigos, simbolos, modelos, e quem despreza objetos? Que tipo de gente sera ele? Que tipo de vida sera esta? Para facilitar a tarefa, forcemos um paralelo: a primeira revolucao industrial, de memoria bendita.

Dizia-se, na epoca, que um camponez de 1750 d.C. se parecia mais com um camponez de 1750 a.C. que com o operario de 1780 d.C., seu filho. Tamanha a transformacao que a industria introduziu. Atualmente, podemos afirmar o mesmo. Nossa vida se assemelha mais a do operario e do burgues da Revolucao franceza

que a vida dos nossos filhos, os que brincam com jogos eletronicos e com computadores. Tamanha a transformacao que a moleza das informacoes introduziu. Por certo: tal comparacao com a Primeira Revolucao nao vai tornar a nossa situacao mais comoda, mas ajudara-nos a tomarmos distancia dos eventos.

Ajudara a compreendermos que viver entre os objetos, e ater-se a eles, nao e a unica maneira "razoavel" de viver-se. O homem pre-industrial vivia entre seres animados: vacas, plantas, camponeses, artesoes, senhores. A Revolucao industrial substituiu tais seres por objetos: maquinas, produtos, massa operaria, capital, mercado. De maneira que a nossa "objetividade" e coisa recente. E nao e coisa tao extraordinariamente satisfatoria, como o acreditavam ainda o nossos pais otimistas. Ha sociedades no Terceiro mundo que recusam, com boas razoes, nossa forma de vida. Agora, quem a recusa tambem sao nossos proprios filhos. Tal distancia nos permite de pelo menos tentarmos imaginar essa vida "alternativa", a vida com inobjetos.

O novo homem, tal como esta surgindo em nosso torno e em nosso proprio intimo, sera ser sem maos, ser de maos atrofiadas. Nao manipulara objetos. Nao "trabalhara", nao tera "praxis". O que restara das maos serao as pontas dos dedos. Com elas o novo homem movimentara teclas. Afim de compor, decompor e recompor simbolos em sistemas informativos. O novo homem nao sera ator; nao havera mais nem ato, nem acao, nem atividade. Sera jogador; havera estrategia, projeto, programa. Em vez de agir, o novo homem decidira. "Homo ludens", nao mais "homo faber". A sua vida nao mais sera "drama", mas sera "espetaculo". O proposito da vida nao mais sera fazer e ter, mas conhecer, vivenciar e gozar. Como o novo homem estara desinteressado nos objetos, nao tera problemas. Em vez de problemas, tera ele programas. Vivera, nao para resolver problemas, mas para bolar programas. Visao fantastica, esta, mas que ja esta se realizando.

No entanto, nao tao fantastica como o parece ser a primeira vista. O novo homem, por mais novo que seja, ainda sera homem. Morrera, ele tambem, e sabera disto. A irrupcao dos inobjetos, por revolucionaria que seja, nao modificara este dado fundamental da existencia humana. O de caminharmos para a morte. E sob tal perspectiva pouco importa se a morte for concebida como "ultima coisa" ou como inobjeto. A vida futura, por espectral que pareca ser, ainda sera vida humana. De modo que, se nao precisamos adorar os inobjetos que se precipitam sobre nos, tao pouco precisamos recea-los sobremedida. Ajudarao, eles tambem, como o faziam os objetos, a tapar a morte.